

Os Primeiros Passos Rumo à Verdade

The very first steps toward the truth

Lauro Frederico Barbosa da Silveira

UNESP-Marília/Fundação de Ensino “Eurípides Soares da Rocha”
lfbsilv@terra.com.br

Resumo: O pensamento para a efetiva determinação da conduta supõe a aceitação do princípio de continuidade. A tomada de consciência no processo do pensamento já supõe que ele esteja em desenvolvimento. Situações especialmente exigentes quanto à tomada de decisões manifestam, fenomenologicamente, a inserção do pensamento em um contínuo e o quanto já avançou o pensamento até que a tomada de consciência tenha lugar.

Palavras-chave: sinequismo, continuidade, pensamento, consciência, abdução, hábito.

Abstract: Thought supposes the principle of continuity to be accepted for the effective determination of conduct. Taking of consciousness along the thinking process supposes that this later be always in development. Specially exigent situations for a decision taking manifest in a phenomenological way either the insertion of thinking process in a continuum and how much had the thought advanced until the arising of consciousness.

Key-words: synechism, continuity, thought, consciousness, abduction, habit.

Em assuntos práticos, em questões de Importância Vital, é muito fácil exagerar a importância do raciocínio. O homem é tão vaidoso quanto a sua força racional! Parece-lhe impossível, quanto a esse respeito, como ele se veria se pudesse duplicar-se e olhar a si mesmo com um olho crítico. Aqueles a quem nós gostamos tanto de nos referir como a “animais inferiores”, raciocinam muito pouco. Peço-lhes agora que observem que esses seres muito raramente cometem um erro, enquanto nós — — !¹ Empregamos doze homens bons e verdadeiros para decidir uma questão, colocamos os fatos diante deles com o maior cuidado, a “perfeição da razão humana” preside a apresentação, eles ouvem, saem e deliberam, chegam a uma opinião comum, e geralmente se admite que as partes daí em diante podem praticamente ter tirado sua sorte na moedinha!² Essa é a glória humana!

-
1. A frase incompleta , seguida de um longo traço e um ponto de exclamação, encontra-se no texto original de Peirce, conforme a edição das Conferências a que tivemos acesso.
 2. m inglês, no texto, lê-se: “... as well have tossed up a penny to decide!”

As qualidades mentais que mais admiramos em todos os seres humanos, salvo em nós próprios, são a devoção materna, a coragem do homem, e outras heranças que vieram a nós a partir de um bípede que ainda não falava; enquanto os aspectos de caráter que mais são questionáveis têm sua origem no raciocínio. O próprio fato de todo mundo superestimar seu próprio raciocínio é suficiente para mostrar quão superficial é essa faculdade. Pois vocês não ouvem o homem corajoso vangloriar-se de sua própria coragem, ou a mulher modesta orgulhar-se de sua modéstia, ou aqueles que realmente são leais jactarem-se de sua honestidade. Do que eles se vangloriam é sempre de algum dom insignificante de beleza ou de habilidades. São os instintos, os sentimentos, que constituem a substância da alma. A cognição é somente sua superfície, seu lugar de contacto com o que lhe é exterior.

Assim, em uma conferência no ano de 1898, Peirce criava o ambiente dentro do qual desenvolveria uma longa exposição sobre o Raciocínio e a Lógica das Coisas, em Cambridge, Massachusetts, para um público que certamente prezava muito a eminência da vida intelectual (Ketner 1992: 110).

O raciocínio e o que é segundo a razão (reasonable) jamais se confundem na obra peirceana. Somente no domínio de um agir autocontrolado e autoconsciente, a lógica, como arte ou ciência do pensar, ocupa seu lugar próprio. O que é segundo a razão excede de longe esse pequeno e muito valioso domínio em que dominamos o que representamos, dando-nos a impressão de sermos senhores do pensamento e de possuí-lo como um entre outros dons, distinguindo-nos de tudo que é instintivo, freqüentemente confundido com o determinado por leis quase mecânicas.

Nada é mais contrário ao modo como a semiótica e, mais amplamente, toda a filosofia peirceana compreende a razão, do que esta partilha entre razão e instinto, a primeira sendo o privilégio do espírito humano maduro e culto, e o outro, mera expressão do determinismo natural.

Relembremos, mais uma vez, a observação feita pelo autor que “do mesmo modo como dizemos que um corpo está em movimento, e não que o movimento está no corpo, devemos dizer que estamos no pensamento e não que pensamentos estão em nós” (CP.5.289 n1). Essa afirmação é de tal maneira essencial para compreendermos a concepção peirceana de pensamento e, por consequência, de ser racional, que não pode deixar de ser citada no encadeamento de uma investigação sobre os primeiros passos rumo à verdade.

Embutida nessa visão, encontra-se a referência ao princípio lógico de grande repercussão metafísica que, aos olhos de Peirce, confere sustentação para entender-se o fenômeno do pensar como constitutivo de todo o real: o princípio da continuidade ou sinequismo. Ao desenvolvimento de tal princípio, Peirce dedica parte significativa de sua obra. Não sendo o principal intuito da presente comunicação explorar extensivamente o tema, convém que dediquemos nossa atenção, ao menos, ao texto datado de 1902 (CP. 6.169-173), em que se expõe cuidadosamente o que se deve compreender por aquele princípio, sua necessidade para qualquer explicação racional da realidade, deixando claro seu caráter lógico, anterior a qualquer representação metafísica que dele vier a ser proposta. O sinequismo, como fundamento do Pragmatismo, que no referido texto assume especial importância, receberá, aqui, somente um tratamento indireto, tendo em conta os objetivos que nos movem. Sua presença seria perceptível, caso cuidássemos de observar nossa própria procura de bem conceituar o limiar da busca da verdade sob a forma das primeiras representações. Para encetarmos essa busca, deve-

mos, com efeito, procurar submeter-nos às exigências da máxima pragmatista. O que, de fato, não se pretende aqui fazer é uma reflexão sobre o método adotado enquanto tal.

Recolhendo do texto peirceano o que nos apareceu mais essencial, cremos possível resumi-lo do seguinte modo:

Propõe-se, pelo Sinequismo, considerar a realidade em seu mais íntimo âmbito como um contínuo. E o contínuo que nela está presente é aquele que, no nível formal, apresenta a matemática ao considerar uma reta e, conseqüentemente, o plano, cabendo, por outro lado, atribuí-lo ao tempo.

A razão, contudo, de atribuir à realidade tal propriedade não decorre de um mero arbítrio da razão, mas da necessidade de permitir que a investigação racional não imponha limites a priori para seu avanço.

Para uma inteligência semiótica, essencialmente fenomênica e, por conseqüência, sem reservar para si qualquer privilégio transcendental que a levasse a estabelecer a própria objetividade do conhecimento, mas que igualmente não pretenda representar-se submissa a qualquer outra instância para fundamentar seu pensamento, não é possível conciliar o pensável com o incognoscível. Será, pois, em toda sua produção, essencial e insuperavelmente hipotética, arriscando, de modo sempre falível, proceder a constantes representações que faz do real com o qual convive.

Baseia-se todo o seu conhecimento nas hipóteses que produz, delas deduzindo as implicações lógicas que representarão para a conduta futura as conseqüências observáveis dos fenômenos. Sempre avança em meio aos riscos de erro, e de modo sempre aproximativo face ao real, mesmo que a forma de seu pensar seja dotada de necessidade.

Fugir a essa contingência, contudo, será negar a própria capacidade de investigar resolutamente tudo que se lhe aparecer admirável e atraente. Não pode, pois, apelar para a intuição transcendental que lhe garantisse acesso imediato à realidade, mesmo que esse acesso se restringisse à esfera do sensível. Não pode igualmente encontrar sustentação para suas representações em idéias de si mesmas dotadas de clareza e distinção, tais que as tornassem indubitáveis e que lhes oferecessem acesso direto ao real indubitável.

Menos ainda, poderia regredir na história e esperar em alguma instância fora do próprio domínio, a fonte da verdade de suas representações, fosse essa instância, como na tradição aristotélica, a intuição do ser ou, como nos pré-socráticos e em Platão, o acesso à esfera do que verdadeiramente é. Tais recursos ser-lhe-iam insuportáveis, uma vez que herdeira da postura crítica diante da própria capacidade de conhecer e de pensar, inaugurada por Kant. Reduzir-se a simplesmente abstrair das percepções o efêmero de sua particularidade e deixá-las associar-se em representações aparentemente mais gerais, como, desde Hume, propôs a tradição empirista, seria também ver-se prejudicada em sua investigação do genuinamente geral e necessário.

Sem negar o papel imprescindível da experiência em toda representação e jamais pretendendo que, por esta, esgote-se toda a realidade, nada mais sobrando do que um resíduo inacessível ao questionamento racional ou ao diálogo da razão, ao contrário, pelo sinequismo se reconhecerá que não há experiência que não se insira em um processo de generalização, sendo, esta última, expressão da própria continuidade. Também, suscitada pelo objeto, a experiência dará o único impulso suficiente para mover a razão a mais e mais investigar.

Nessa concepção dialógica da representação, Peirce torna mais uma vez manifesta sua postura realista, quando argumenta com base no princípio de que, se o conhecimento é generalizante, isso decorre da própria realidade conhecida ser dotada de generalidade. Sendo o sinequismo primordialmente um pressuposto semiótico, como o texto insistirá, só se sustentará se a própria realidade, ontologicamente considerada, for de natureza geral, contínua e evolucionária. Caso contrário, a realidade não seria compreensível e, em última instância, as próprias representações não ocorreriam.

Enumera, finalmente, uma série de suposições sobre o mundo físico, o próprio domínio das idealidades matemáticas e a esfera psíquica, que devem ser formuladas por quem adotar o princípio da continuidade como fundamental para a possibilidade de conhecer-se o real, todas elas insistindo na recusa em admitir a ruptura *absoluta* na continuidade do tecido dos fenômenos e, mesmo, do Mundo das Idéias. Nem sequer a mais geral das leis poderia ser aceita como absoluta e imutável. Houvesse tal ruptura, dela decorreria a perda total da sustentação última da inteligibilidade, e o conhecimento não se sustentaria nem como ilusão.

O texto termina como um resumo do que foi proposto, e nada nos parece melhor do que reproduzi-lo:

Em resumo, o sinequismo considera que o princípio da inexplicabilidade não deve ser considerado sustentáculo para explicações possíveis; que tudo o que se suponha ser último, suponha-se inexplicável; que a continuidade é a ausência de partes últimas no que é divisível; e que a única forma sob a qual algo pode ser compreendido é a forma da generalidade, que é a mesma coisa que a continuidade.

Dado o tema que nos move, parece-nos importante voltar um pouco atrás na leitura do texto de Peirce, para aí encontrar um dos exemplos de concepções, que aquele que acolhe como princípio diretor de sua investigação a continuidade comum ao conhecimento e à realidade deve necessariamente adotar. O exemplo oferecido no texto, com efeito, diz respeito, precisamente, ao que se pretende compreender quando se investiga o momento originário da busca da verdade. Desse modo, dirá o texto:

Assim, o sinequista não crerá que algumas coisas são conscientes e algumas inconscientes, a não ser que por consciente se entenda certo grau de sentimento. Perguntará ele, isto sim, quais são as circunstâncias que atingem esse grau, não considerando que uma fórmula química para o protoplasma fosse uma resposta suficiente.

Com esta passagem em mente, propomos que consideremos alguns momentos bastante característicos da percepção e da atenção, assim como da produção de nossas primeiras inferências abduativas.

Dada a imensa dificuldade de se discriminar todo fenômeno marcado pela originalidade própria da Primeiridade, e, como dizia o texto peirceano com que iniciamos esta apresentação, sendo ele de importância vital, torna-se igualmente penosa a análise da percepção e da proposição das primeiras abduções. Em casos excepcionais, no entanto, quando a manutenção da vida se torna um problema de urgente resolução, tais fenômenos podem ser mais bem detectados.

Tomaremos, aqui, um exemplo em um fato que, desde a juventude, causou-me grande impressão:

Um primo bem mais velho que eu, médico otorrinolaringologista, recentemente

viúvo, tinha um casal de filhos ainda crianças. Uma noite, estando ele dormindo em seu quarto, e os dois filhos dormindo em um quarto contíguo, acorda bruscamente no meio da noite, com um ruído produzido por sua filha. Imediatamente, como posteriormente veio a relatar, inferiu que aquele ruído era um espasmo produzido por difteria – que naquela época ainda apresentava certa incidência no Brasil. De pronto, levantou-se e, observando a filha sufocada e já cianótica, tomou um bisturi e um cateter, procedeu a uma traqueotomia, somente então levando a criança ao hospital.

A gravidade e a urgência da decisão não oferecia alternativa. De um possível a um juízo de existência; deste, a uma hipótese diagnóstica e, desta última, à avaliação dos riscos e a determinação de uma conduta, pode-se dizer que tudo aconteceu em ato contínuo, superando-se o impacto emocional paterno e a prudência do exercício profissional, do qual, aliás, meu primo tinha consolidado hábito.

Não fosse o hábito adquirido ao longo dos anos, certamente a hipótese diagnóstica, a prontidão na decisão e a intervenção cirúrgica não teriam ocorrido e, se ocorressem, o risco das conseqüências seria exponencialmente maior.

A percepção de um ruído estranho, seguida de uma hipótese sobre uma determinada causa ocorreu durante o sono, provocando o próprio despertar. O pronto reconhecimento da gravidade da situação e a decisão de intervir cirurgicamente só se deram por ser meu primo médico e especialista em área afim à detecção e ao tratamento da doença. Mas esta presença da terceiridade, que, como bem diz Peirce, é em grande parte inconsciente (CP.2.66; 5.417-418, 440, 492; 6.299; 8.67, 71), em nada retira a originalidade presente no percepto e na hipótese diagnóstica obtida, por via da inferência abduativa, respectivamente, signos de possibilidade assim como pela presença intermediária a esse processo do juízo perceptivo, que, como tal, é um juízo de existência. O hábito adquirido somente irá sustentar o nível em que os signos de possibilidade e de existência produzirão seus efeitos, respectivamente, por via de comparação e de desempenho.

A colaboração que um hábito adquirido pode trazer só se efetivará se as instâncias da originalidade e da existência forem plenamente preservadas e, diria, se tiver sido cultivado o hábito de dar lugar a essas instâncias. A inserção das categorias cenopitagóricas no contexto concreto de sua realização, cremos, prova perfeitamente bem essa exigência.

Isso se nos tornou especialmente claro quando, procurando concluir longo período de observação e de múltiplas leituras sobre a semiose do levantamento de hipóteses diagnósticas em pediatria, observações efetuadas na Faculdade de Medicina de Marília, fomos levados por força de um diagrama que estávamos construindo a propor uma passagem semiótica de uma representação geral a uma mera possibilidade.³ Formalmente, o que nos exigia essa passagem era exatamente o respeito ao princípio da continuidade. Procurando recordar a experiência adquirida pelas observações, verificamos que, realmente, tal processo tinha lugar em mais de um

3. SILVEIRA (1998) . A presença da mesma instância semiótica nos foi possível detectar no processo geral de aprendizagem. SILVEIRA (1992). p. 93-103. Foi também reconhecida durante o estabelecimento do *setting* psicanalítico pelo médico e psicanalista José Antônio Pavan, como demonstrou em sua dissertação de mestrado e, posteriormente, no artigo ao qual aqui fazemos referência. PAVAN (2001) p.617-646.

momento das múltiplas relações estabelecidas tanto pelos pacientes como por informantes que, especialmente no caso da pediatria, conduzindo o paciente, exercem um papel de grande relevância para que o diagnóstico possa se efetuar.

Quando uma pessoa procura por atendimento médico, ela o faz devido ao hábito adquirido, segundo o qual, em certas circunstâncias é necessário ou, ao menos, conveniente fazê-lo. Fez sobre seu estado de saúde, ou sobre o do acompanhante, algum juízo, considerando ser portadora de alguma possível doença. Crê que o profissional procurado é capaz de diagnosticá-la e de adotar uma conduta terapêutica condizente. Traz consigo, freqüentemente, a memória de experiências passadas e, talvez, tenha alguma hipótese diagnóstica em mente e uma expectativa quanto à conduta terapêutica que deverá ser adotada. Tem em mente, com toda probabilidade, uma imagem formada do médico, freqüentemente marcada pela assimetria em face de si como paciente. Além disso, um componente emocional pode estar exercendo um significativo papel em sua conduta, aumentando o estado de tensão no momento da consulta. Por seu lado, o médico não somente é portador de hábitos pessoais, como, especialmente, de hábitos propriamente decorrentes do exercício de sua profissão. Guarda consigo certas expectativas sobre a provável conduta e o estado psicossomático de quem o procura. A interpretação que faz da doença, do sofrimento, da morte, etc. pesa em seu confronto com o que procura o paciente; pesarão, também, as condições disponíveis para a consulta e para futuros tratamentos. Por conseguinte, dois hábitos formados bastante diversos, e, sobre muitos aspectos, conflitantes, estarão em confronto e caso não se estabeleça um processo de desarmamento recíproco, a consulta corre o risco de ficar altamente prejudicada.

Embora o sucesso da consulta dependa tanto do paciente quanto do profissional, é deste último, sobretudo, que se espera uma disciplina interior tal que permita que a rigidez dos hábitos se desfaça e que estes somente intervenham como colaboradores para um relacionamento profícuo. É necessário, sobretudo da parte do profissional, desfazer-se de seus conceitos pré-construídos – de seus pré-conceitos – para que a queixa, as informações prestadas, as razões e o estado do paciente sejam signos efetivamente novos a serem trabalhados em um cuidadoso diagrama, do qual devem resultar hipóteses diagnósticas preferivelmente hierarquizadas quanto à sua probabilidade. O profissional está sendo instado a, diríamos, *poetizar* com os dados recebidos, mantendo-se atento a todos eles, e pronto para ir construindo constelações que lhe sugiram hipóteses sobre o estado de saúde do paciente e de possíveis doenças, caso elas existam. Poetizando, ou seja, construindo novos signos com base nas desconstruções levadas a efeito, o médico adentrará em um estado originário onde predomina o vetor potencialidade. Diante, pois, de um Sema, no sentido conferido por Peirce, em 1906, a esse termo em *Prolegomena to an Apology for Pragmatism*⁴, o médico poderá partir para sua percepção pessoal do paciente, numa convivência decorrente do exame físico e da atenção à fala, sofrendo em si mesmo e por meio de aparelhos os efeitos perceptíveis do estado em que se encontra o pacien-

4. CP. 4.538 ss.

te. A ausculta, a percussão, a palpitação, a observação da aparência dos tecidos, as reações reflexas, sensitivas ou autocontroladas emitidas pelo paciente são a busca de percepções sob a forma de juízos perceptivos. Conseqüentemente, de modo atento, está-se passando de uma representação meramente possível para juízos de existência, signos estes que, em sua relação para com o interpretante, são Femas⁵.

Esse hábito de poetizar tem grande significância em processos semióticos em que a relação afetiva é especialmente exigente e faz apelo a um instinto presente em um processo que muito se assemelha a uma regressão psíquica. Subjacente a esse instinto, sempre se encontra o ser na forma da espontaneidade que precede toda ação e toda representação, conferindo-lhes o tônus e a intensidade expressiva. É a ele que Peirce se refere na citação inicial de nossa fala.

As interações com o mundo, com efeito, concretizam tal instinto, e a aquisição de hábitos define linhas preferenciais de representação e de atuação no futuro. É ele, contudo, que sustenta a ambos e que, por preceder a toda diversificação decorrente das restrições particularizantes da existência assim como as das generalizações, constitui-se na qualidade comum que originariamente une todos os seres e lhes confere um denominador comum sobre o qual se sustenta toda comunicação.

Manter essa comunicação supõe, portanto, que se torne disponível a potencialidade originária e os instintos que a interpretam. Situações de extrema importância vital requerem especialmente essa disponibilidade. As primeiras relações mantidas entre a mãe e seus filhos, a sustentação do amor e da amizade, o compartilhar das emoções de quem de nós se aproxima na alegria ou no sofrimento, a compreensão das dúvidas que surgem no interlocutor, o propiciar da manifestação do inconsciente, exigem de modo intenso e flagrante essa exigência de tornar disponível naquele momento esse potencial, vencendo as barreiras das restrições que os conflitos da existência e as representações dos hábitos, freqüentemente empedernidas, se lhe impõem.

No nível fenomenológico, a pressuposição do princípio de continuidade encontra nessa potencialidade originária sua mais fundamental manifestação. Para uma lógica como semiótica, tal princípio se apresentará como exigência imprescindível para que qualquer representação da realidade tenha lugar e para que, conseqüentemente, a conduta encontre nessas representações diretrizes para, com razoável sucesso, alcançar no futuro a Verdade no objeto desejado como sumo bem. No nível metafísico, um Mundo que corresponda a tais manifestações fenomenológicas, no qual a conduta tenha razoável êxito e sentido, só pode constituir-se ele mesmo em gradações de infinitas qualidades, em recíproca afinidade num desenvolvimento constante e evolucionário da perfeição de sua forma.

É possível, em qualquer nível de consideração, tentar flagrar a manifestação originária dessa percepção do real, como passagem de um possível a um atual, e, em segui-

5. Ibidem. Quanto à discussão sobre as propostas peirceana de possibilidade de que um Sema, signo de possibilidade venha a determinar um Fema, signo de existência. no contexto da percepção e daí seguindo-se as primeiras inferências abduativas, consultar SILVEIRA (2001), p. 6-13, acrescido do encarte, p. 1-4, IBRI (2001). P. 13-18.

da, deste ao geral. Nesse sentido, permite-se, pois, caracterizar como *poieticos* certos momentos da semiose, já que se caracterizam pela desconstrução de determinados padrões de hábitos e de formação de signos novos. Daí, ter-nos sido possível buscar exemplos dessa manifestação e procurar compreendê-los. É igualmente possível procurar detectar e caracterizar a emergência de semioses e novos padrões de hábitos, como o surgimento de fenômenos mentais no interior dos fenômenos físicos e, mesmo em particular, no interior da biosfera. A própria legitimidade de tais investigações e, diríamos, sua possibilidade só encontrariam um fundamento último assumindo-se o princípio da continuidade, nos três âmbitos — fenomenológico, lógico e metafísico — em que se apresenta, e a dimensão universal da semiose, cobrindo não somente as formas de representação autocontroladas e conscientes, mas as múltiplas determinações da conduta tanto no seu nível factual como resposta energética às informações recebidas, como, antes de tudo, no nível positivamente potencial da espontaneidade originária.

Referências bibliográficas

IBRI, Ivo Assad. Sobre a descrição dos universos: comentário do artigo “Mente, universos e verdade nas relações semióticas” do prof. Lauro Frederico Barbosa da Silveira. *Caderno da 4ª. Jornada CEPE*. São Paulo, COS/PUC-SP, 10/10/2001, p. 14-18.

KETNER, Kenneth Laine. *Reasoning and the Logic of Things: The Cambridge Conferences Lectures of 1898*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1992.

PAVAN, José Antônio. O método psicanalítico dialogando com a semiótica da Peirce. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 35 (3). p. 617-646, 2001.

PEIRCE, C. S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Ed. by C. Hartshorne and P. Weiss (v. 1-6); Arthur Burks (v. 7-8). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. Semiótica e aprendizagem. In: SERBINO, Raquel V. e Maristela V. C. Bernardo (orgs.). *Educadores para o Século XXI*. São Paulo: EDUNESP, 1992. p. 93-103.

———. *Análise semiótica da diagnose médica*. Texto inédito. Marília, 1998.

———. Mente, universos e verdade nas relações semióticas. *Caderno da 4ª. Jornada CEPE*. São Paulo: COS/PUC-SP, 10/10/2001, p. 6-13. Acrescido do Encarte “Mantendo o diálogo com o Prof. Dr. Ivo Assad Ibri a propósito de “Mentes, Universos e Verdade nas Relações Semióticas”. p. 1-4.